

Atividade pastoral: alguns princípios éticos presentes no Documento de Aparecida

Pastoral activity: some ethical principles
present in Document of Aparecida

*Tarcísio Justino Loro**

Resumo: A atividade pastoral não pode ser concebida ao sabor de cada pastor. Existe um estatuto cujas raízes se encontram na vida do Pastor Jesus. Sua prática é sempre fonte de inspiração pastoral e modelo para todos os seus seguidores. Neste sentido alguns elementos não podem ser ignorados pelos agentes de pastoral. Dentre eles destacamos: pastoral em vista da esperança; o ser humano, fonte de inspiração pastoral: exaltação da dignidade humana; unidade e diversidade, dois eixos imprescindíveis para a pastoral madura; comunidade, espaço do crescimento humano; pastoral, expressão da alegria evangélica; o olhar amoroso de Deus para com os pobres. Estes elementos não esgotam outras características imprescindíveis, mas apontam para a renovação de uma prática pastoral, desejada pelo Documento de Aparecida.

Palavras-chave: Atividade pastoral. Princípios pastorais. Dignidade humana e pastoral.

Abstract: Pastoral activity cannot be conceived according to the will of each pastor. There is a statute and its roots are at the life of Shepherd Jesus. His practice is always a source of pastoral inspiration and a

* Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo. Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP.

model for all his followers. So some elements cannot be ignored by pastoral agents. Among them we emphasize: elevation of human dignity; unity and diversity, two indispensable axes for a mature pastoral; community, space of human growth; pastoral, expression of evangelical joy; God's loving look towards the poor ones. These elements do not exhaust other indispensable characteristics but they point towards a renovation of a pastoral practice, wished by Aparecida Document.

Keywords: Pastoral activity. Pastoral principles. Human and pastoral dignity.

Introdução

Vivemos numa época marcada por profundas transformações em todos os campos da vida humana. É a virada do milênio. Os referenciais se tornaram líquidos. Os códigos de comportamento se alteram, somos surpreendidos a cada instante com novas atitudes em todos os espaços da vida humana, inclusive na Igreja. Não se trata de maldade, mas de um “tsunami” social. Há um desejo frenético de mudança, uma onda gigantesca que tudo quer movimentar com o conteúdo do diferente, do novo. Diante disso, cabe-nos perguntar: existem alguns princípios cristãos éticos que permanecem como fundamento da atividade pastoral? Ou, como anunciar a Nova do Evangelho, neste mundo em mudança, sem ferir os princípios cristãos éticos? Quais seriam os referenciais éticos imprescindíveis ao ministério de pastor de comunidade?

1. Um *susto eclesial*, marcado pela esperança

Após a renúncia ao papado pelo Papa Bento XVI, em 28 de fevereiro de 2013, os cardeais reunidos em conclave, elegeram o Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, Papa da Igreja Católica e atual chefe de Estado do Vaticano, que adotou o nome de Francisco. Sua eleição sinalizou novidade, o primeiro papa latino americano, além de argentino e jesuíta! O novo Papa, no momento da sua aparição ao

mundo, rompeu com o paradigma hermético da apresentação solene de um novo pontífice, buscou a espontaneidade dos gestos, curvou-se diante dos fieis reunidos na praça de São Pedro para pedir orações e bênçãos. Essa sua atitude foi acolhida como sinal de humildade e reverência à fé do povo, uma forma de participação do Povo de Deus no seu iniciante pontificado. Desta forma, o novo papa despertou o mundo para algo novo que estava nascendo na Igreja. Sem dúvida, essas atitudes simples, o transformaram em signo de mudança, como também, produziram uma espécie de empatia, simpatia, proximidade e amizade, entre o líder da Igreja e os católicos do mundo.

O Cardeal Bergoglio escolhe o nome Francisco para seu pontificado. Esta escolha é um signo indicativo que irá marcar a eclesiologia de seu novo pontificado. Um novo programa pastoral, um serviço marcado pela humanização da Igreja, amor *aos pobres*, à natureza e aos doentes, segundo o espírito franciscano. Para o novo Papa o amor às pessoas e sua proximidade com todos estão acima de qualquer liturgia papal.

Em poucos dias, ele busca a proximidade dos fieis que vai se tornando uma prática de seu pontificado. Nas suas idas e vindas pelas praças e ruas, ele rompe com a vigilância da guarda, desce do papa-móvel para viver esta proximidade, abraçar crianças, enfermos, jovens, idosos. Não encontra dificuldade em levar um prato de comida para o porteiro de seus aposentos; e com simplicidade, renuncia o quarto papal para acomodar-se junto ao dormitório dos cardeais. Estas atitudes, de serviço e despojamento, mas profundamente cristãs e humanas expressam um novo paradigma de Pastor Universal, ou melhor, recuperam a prática de Jesus Cristo, o verdadeiro pastor que alimentava as multidões e tocava nas pessoas para abençoar, curar e acolher.

Com estes pequenos gestos, começa a se formar uma nova ética pastoral. Não se trata tanto de descobrir instrumentos novos de ação, mas de se retornar ao espírito de Cristo, o bom pastor. A Igreja marcada profundamente pela burocracia e distanciamento dos pastores de suas ovelhas, redescobre o ser humano como primeiro principio ético do Evangelho. Assim como as atitudes de Cristo investem no acolhimento das pessoas, a Igreja por meio de suas vocações e ministérios é interpelada a viver este mesmo espírito no meio do mundo. O novo

é também voltar ao velho; ressignificar atitudes; encontrar as raízes do amor cristão; assumir a atitude de Cristo diante de um mundo em mudança. A burocracia, muitas vezes, mata o fluxo do espírito evangélico; impede a renovação das pessoas e das comunidades.

II. O ser humano: imagem e semelhança do Criador, fonte de inspiração pastoral

A fé ilumina o fenômeno antropológico e nos mostra que o ser humano tem sua realidade enraizada no mistério da Trindade. É sua referência fundante. Esta verdade de fé nos faz recordar o texto bíblico que constitui o fundamento da dignidade humana e da antropologia cristã: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Pois bem, se somos imagem e semelhança de Deus, só podemos compreender nossa identidade profunda à luz do modelo trinitário. Ora, a Trindade é essencialmente amor, conforme nos revela o apóstolo João, “Deus é amor” (1Jo 4,8). E amor significa doação de si mesmo. O documento de Aparecida em forma de oração explicita o sentido da dignidade da pessoa humana ao dizer:

Bendizemos a Deus pela dignidade da pessoa humana, criada à sua imagem e semelhança. Ele nos criou livres e nos fez sujeito de direitos e deveres em meio à criação. Agradecemos a Ele ter-nos associado ao aperfeiçoamento do mundo, dando-nos inteligência e capacidade para amar; e lhe agradecemos a dignidade, que recebemos também como tarefa que devemos proteger cultivar e promover.¹

Um dos princípios fundamentais a orientar a atividade pastoral é o entendimento de que o ser humano não pode ser visto como desconectado da “Fonte da vida”, ou de sua relação com o próprio Deus, origem de toda ação pastoral. Só em Deus o homem pode encontrar o conhecimento de si mesmo, e sua vocação missionária. Pela Revelação Deus se faz conhecer. Ela é o lugar próprio do conhecimento humano, nela o homem se conhece e se descobre digno, é de fato o espaço de

¹ DA, 104.

onde brotam os aspectos básicos que orientam a ação eclesial. A Revelação nos leva a compreender que o próprio ser humano tem uma “revelação” a realizar ao longo da história. Revelar sua originalidade, sua identidade e seus dons por meio da doação amorosa de si mesmo.

A partir destes elementos antropológicos não é difícil entender os caminhos da ação pastoral. O pastor-discípulo, seguindo a prática de Jesus, acaba reconhecendo a dignidade dos seres humanos, especialmente, na pessoa dos doentes, pobres, excluídos e marginalizados. E com eles, o pastor-discípulo é chamado a viver o amor doação de si mesmo, exemplificado por Cristo no seu Evangelho.

Um dos princípios cristãos éticos está no reconhecimento da dignidade do ser humano, inerente à sua própria natureza. O valor e a dignidade do ser humano pertencem a ele desde sua concepção, uma vez que foi criado a imagem e semelhança do Criador. Nenhum homem, grupo ou instituição social tem o direito de manipular esta dignidade, transformá-la em mero acessório antropológico. Ela é parte essencial. O homem e a mulher são fins em si mesmos. O mais alto valor do ser humano e de sua dignidade reside em encontrar sua originalidade no Criador. O próprio Deus respeita o ser humano. Nada impõe, sempre propõe. O próprio Evangelho é uma proposta. O Documento de Aparecida afirma, “A própria vocação, a própria liberdade e a própria originalidade são dons de Deus para a plenitude e o serviço ao mundo”.² E segue o documento afirmando:

Diante da exclusão, Jesus defende os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. De seu Mestre, os discípulos têm aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana. Só o Senhor é autor e dono da vida. O ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde a sua concepção até sua morte natural, em todas as circunstâncias e condições de sua vida.³

Na encarnação, o próprio Deus assume a natureza humana.

² DA, 111.

³ DA, 112

A partir desse mistério insondável, Deus começa a ser diferente para nós, porque na Encarnação, Deus se funde e se confunde com o ser humano a ponto de já não ser possível nem entender, nem ter acesso a Deus prescindindo do ser humano, menos ainda entrando em conflito com o humano, com tudo o que é verdadeiramente humano e, portanto, com tudo que nos torna felizes, a nós, humanos, com tudo que nos realiza, nos aperfeiçoa e nos faz gozar e desfrutar a vida humana sua amplitude e formosura.⁴

Este é o grande paradigma pastoral. Deus se faz visível. Criou o homem a sua imagem e semelhança não para violá-la, mas para respeitá-la. E um dos aspectos desta imagem é a liberdade de o homem dizer “sim” ou “não” à vontade do criador. Assim, Deus revelou ainda mais esta dignidade. Com a encarnação o homem tem a possibilidade de ser “recriado”, ou de restabelecer sua “originalidade”, segundo os méritos de Jesus Cristo. Estes princípios teológicos devem iluminar o trabalho pastoral. Toda a pessoa humana tem o direito de ser respeitada em sua dignidade, independentemente de sua condição social, etária, religiosa, racial, sexual, cultural e política. O trabalho pastoral não pode excluir ninguém, como filhos do único Criador todos são dignos, cabe, portanto, à ação eclesial construir espaços a fim de que todos sejam auxiliados em vista de sua dignidade.

O ser humano: imagem e semelhança do Criador é fonte de inspiração pastoral. Muitas vezes, as comunidades se dão o direito de escolher pastorais e movimentos alinhados ao perfil dos mais abastados, deixando de lado, os mais pobres. Entendemos que a legitimidade de uma comunidade está em proporcionar a todos o alimento da Palavra e ocasiões para crescer na dimensão integral, que a nosso ver subentende todas as necessidades físicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e psicológicas. Neste sentido, como avaliar uma comunidade cristã que não cuida dos seus pobres, dos seus detentos e de suas famílias, dos dependentes químicos e seus parentes, da mulher marginalizada, dos homossexuais, enfim de todos, os mais sofridos? Até que ponto a ação pastoral pode ser considerada ética se faltar o cerne das preocupações de Cristo, bom pastor?

⁴ CASTILHO, José M. *Ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 29.

III. Igualdade e diversidade: os dois eixos do trabalho pastoral

Não existem duas pessoas iguais. Somos todos diferentes. A igualdade e diversidade estão ambas fundadas na obra da criação. As três pessoas Divinas não são iguais, o Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo e vice-versa. Por outro lado, Pai, Filho e Espírito Santo pertencem à mesma natureza divina, são três pessoas e um único Deus. A diversidade humana enriquece a comunidade; os dons que cada pessoa recebeu estão em vista da comunidade. O Documento de Aparecida nos recorda:

A diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre o horizonte para o exercício cotidiano da comunhão através da qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais para que circule a caridade (cf. 1Cor 12,4-12). De fato, cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo. O reconhecimento prático da unidade orgânica e da diversidade de funções assegurará maior vitalidade missionária e será sinal e instrumento de reconciliação e paz para nossos povos.⁵

São Paulo na sua carta aos Coríntios nos fala da diversidade de dons e carismas em benefício do todo eclesial. A imagem do corpo místico, utilizada por Paulo, ilustra bem o sentido da diversidade e igualdade no interior da Igreja. Cada membro tem algo a desempenhar em benefício de todo o corpo. Assim, deve ser a ação pastoral. Cada pessoa deve colaborar para o crescimento de toda a comunidade. O carisma de cada grupo deve ser entendido como serviço à comunidade. O que seria de uma comunidade eclesial sem o serviço aos pobres? À saúde? Aos jovens? Ao menor abandonado? Aos idosos? À música? À liturgia? Aos casais? Isto apenas para citar alguns serviços, sem ignorar os ministérios ordenados.

Os pressupostos acima enumerados nos ajudam a compreender a importância da diversidade na vida das pessoas. A comunidade está fundada na própria natureza divina, e se desenvolve a partir desta

⁵ DA, 162.

mesma natureza. A diversidade de carismas é parte essencial da comunidade. Quanto mais heterogênea for à realidade dos fiéis, leigos ou não, tanto mais tem para oferecer na reciprocidade. O Documento de Aparecida nos confirma que os leigos

Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução dos projetos pastorais a favor da comunidade. Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação.⁶

Algumas vezes, desejamos que todos sejam da mesma pastoral ou do mesmo movimento. Esta é uma forma de esvaziar a riqueza de cada indivíduo ou de cada grupo. São Paulo nos fala de “um mesmo espírito, mas diversidade de dons” (1Cor 12,1-4). Aqui cabe um exemplo: como enfrentar a questão da droga pela comunidade religiosa? Não há dúvida que precisamos reconhecer a impotência da Comunidade religiosa diante de tão grave problema. É necessário participar de uma ação social de grande amplitude, onde devem estar presentes, além da igreja, a família, a escola, médicos, psicólogos, educadores, sociólogos, políticos, polícia, dentre outros. Trata-se de uma verdadeira pastoral de conjunto, muito mais do que uma pastoral orgânica. Esta tem sua organização dentro da esfera eclesial, aquela se abre para as perspectivas que vão além da comunidade religiosa.

A necessidade humana de interação está na base de todo tipo de comunidade. Seja religiosa ou social. As pessoas buscam o seu espaço de realização no trabalho, no aperfeiçoamento científico e profissional, no lazer, dentre outros. Neste sentido, é de grande importância trabalhar as relações humanas, que extrapolem o espaço religioso. Estar presente em todos os espaços da sociedade; participar da vida de todo o complexo urbano. A ação pastoral deveria favorecer o “estar presente” nos espaços urbanos; gerar possibilidades para o encontro entre o religioso e público, o particular e o comunitário, entre o sonho

⁶ DA, 213.

e a realidade. A regra básica é não se fechar à vida da sociedade mais ampla. Existem muitas iniciativas em favor da vida, do crescimento pessoal, da santificação do indivíduo e do aperfeiçoamento do grupo desconectados da vida eclesial. Seria de grande valia para todos que a Igreja estivesse atenta aos espaços sociais onde a comunidade religiosa está ausente, buscasse marcar sua presença com sua experiência e a novidade do Evangelho.

IV. A pastoral, a encarnação diária da alegria da Palavra

A voz do Pastor deve ser ouvida. O evangelho nos mostra Jesus pregando nas cidades, aldeias, montanhas. Ele conhecia Jerusalém, Cafarnaum, Nazaré, Jericó, Belém e suas periferias e terras agrícolas. Em todos estes lugares anunciou a Boa Nova do Reino. Ia ao encontro das pessoas que aí viviam, convivia com elas, participava de suas alegrias e esperanças, suas dores e decepções. Sua Palavra era sempre uma mensagem de alegria, uma boa notícia. Este é um princípio que deve orientar todo o trabalho pastoral: ser missionário com alegria. A este respeito, o Documento de Aparecida, nos fala: “Com a alegria da fé, somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, nEle, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação”.⁷

Vivemos numa época em que a maioria das lideranças eclesiais está cansada; não faltam motivos para não participar dos eventos eclesiais; é o tempo do pequeno esforço, de fazer apenas o necessário, cumprir o mínimo. Certamente, isto deve ser analisado de uma maneira mais ampla, sem deixar de lado as mudanças sociais, culturais e religiosas. A globalização, o individualismo, o consumismo, o relativismo e o subjetivismo apontam caminhos para uma melhor compreensão da problemática.

Nossa formação catequética foi insuficiente. O Brasil não foi devidamente evangelizado. Herdamos uma religiosidade incapaz de penetrar nos corações dos indivíduos e, muito menos, nos espaços

⁷ DA, 103.

sociais. Ficou um hiato entre a Palavra e a prática; entre a celebração e a vida. As homilias de maneira geral são repetição do texto do evangelho. Falta a contextualização, condição para iluminar o sentido do texto proclamado. E mais do que isto, nem sempre a Palavra traz a alegria da Boa-Nova.

O papa Francisco na sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho) fala da necessária evangelização que ilumine toda a vida, suscite valores, atinja as cidades, enfim a vida das pessoas com toda sua riqueza e seus sofrimentos.

Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades.⁸

Neste contexto, mesmo reconhecendo a riqueza da fé do povo brasileiro, aparece aos nossos olhos oportuno e urgente anunciar e testemunhar a pessoa de Jesus Cristo integralmente. Esta é sem dúvida a missão que todo cristão recebeu no batismo. O imperativo se torna mais enfático para aqueles que são responsáveis pelas comunidades e paróquias onde a Palavra de Deus deve encontrar toda pedagogia para ajudar as pessoas a acolher a Boa Nova, aprofundar seus conhecimentos e colocar em prática. Ao lado da proclamação se faz mister o testemunho da comunidade. A este respeito convém recordar o que nos fala o texto *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*, pedindo que se faça uma revisão da vida da comunidade à luz dos valores evangélicos:

A alegria, o perdão, o amor mútuo, o diálogo e a correção fraterna são apenas alguns indicativos para essa revisão. Não será possível acolher os afastados se aqueles que estão na comunidade vivem se desencontrando. Aliás, algumas comunidades não conseguem ser missionários justamente porque vivem de forma tão apática

⁸ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 74.

ou conflituosa em suas relações que mais afastam do que atraem novos membros.⁹

Não podemos entender o Mestre de Nazaré, prescindindo da proclamação do Reino, por meio do anúncio da Palavra e do seu testemunho do Pastor. Partindo desta afirmação compete aos sucessores dos Apóstolos, como também aos sacerdotes e diáconos, agentes de pastoral, alinharem-se na *perspectiva testemunhal alegre do Reino*. Faltar a esse dever, no mínimo, é faltar a um comportamento ético, o povo tem o direito de ser alimentado pela Palavra alegre e cheia de esperança e pelo testemunho de seus anunciadores.

V. O tempo-pastoral: muito mais do que horas...

Algumas pessoas dedicam parte de seu tempo para atividades pastorais. É plausível. Mas, o tempo-pastoral é mais do que horas, é um modo de ser. O agir pastoral é permanente. A igreja é uma comunidade que vive em Cristo e para Cristo. Ele deve ser considerado não apenas fonte de perdão e da vida eterna, mas também a fonte de orientação pastoral e do poder de transformação dos nossos conceitos e atitudes. O tempo-pastoral de Cristo é o tempo do “outro”, do faminto, do cego, do leproso, do excluído. É o tempo do serviço amoroso, mais do que horas, mas o tempo do amor.

Com frequência dedicamos em nossas comunidades um tempo extraordinário nas reformas do templo, nos serviços burocráticos, na jardinagem. Não podemos prescindir destas atividades, mas elas têm uma importância relativa. Não seria justo gastar todas as nossas energias em tarefas puramente administrativas. Importante recordar que

Comunidade implica necessariamente convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. Um dos maiores desafios consiste em iluminar com a Boa-Nova as experiências nos ambientes mar-

⁹ CNBB, Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. Brasília, 2014.

cados por aguda urbanização, para os quais vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade.¹⁰

A ação pastoral/missionária deve ter prioridade. A Igreja foi criada para evangelizar, continuar a missão do Mestre. É neste sentido que existem os diferentes serviços ou ministérios na Igreja. Aos Pastores cabe a missão de pregar; seu tempo-pastoral é o tempo da pregação que é antecedido pela *lectio divina*, tempo imprescindível para uma boa homilia. Não basta pregar nas celebrações dos sacramentos; a pregação deve nos conduzir aos sacramentos. O anúncio do Evangelho deveria ser o coração da comunidade, por meio de palavras e atitudes.

No processo de evangelização, o testemunho é condição para o anúncio. A própria comunidade cristã precisa ela mesma ser o anúncio, pois o mensageiro é também Mensagem. Os mensageiros de Jesus Cristo são, antes de tudo, testemunhas daquilo que viram, encontraram e experimentaram. Esse fato implica irradiar a presença de Deus, de Jesus Cristo, Deus Conosco, e, na força do Espírito Santo proclamar com a Palavra e com a vida que Cristo está vivo entre nós. Vendo a comunidade cristã reunida no amor, as pessoas de hoje exclamarão, como o visitante de quem fala Paulo aos Coríntios: “Verdadeiramente, Deus está entre vós” (1Cor 14,25).¹¹

VI. A Boa-Nova, o olhar carinhoso de Deus para com os pobres

Um dos princípios fundantes da Igreja é o olhar carinhoso de Deus para com os pobres. Jesus nasceu na humildade de um estábulo. Seus pais eram pobres. As primeiras testemunhas do nascimento de Jesus são os pobres pastores de Belém. Nesta pobreza se manifesta a glória do Céu. Jesus compartilha a vida dos pobres desde a manjedoura até a cruz; conhece a fome, a sede e a indignação. Mais ainda: identifica-se com os pobres de todos os tipos e faz do amor ativo para com eles a condição para se entrar em seu Reino.

¹⁰ Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2011-2015. CNBB, nº 94.

¹¹ Idem.

Deus abençoa aqueles que ajudam os pobres e reprovava os que se afastam deles: “Dá ao que te pede e não voltes às costas ao que te pede emprestado” (Mt 5,42). Jesus reconhecerá seus eleitos pelo que tiveram feito pelos pobres.

“Quando damos aos pobres as coisas indispensáveis, não praticamos com eles grande generosidade pessoal, mas lhes devolvemos o que é deles. Cumprimos um dever de justiça e não tanto um ato de caridade.”¹²

O Catecismo da Igreja Católica nos recorda

As obras de misericórdia são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporal consistem sobretudo em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos. Dentre esses gestos de misericórdia, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna. E também uma prática de justiça que agrada a Deus (§2447).¹³

A Igreja pós-conciliar na América latina optou preferencialmente pelos pobres. O Discurso Inaugural de S.S. Bento XVI na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano assume com nova força essa escolha pelos pobres, reiterando que

Todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação, sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade. Entendemos, além disso, que a verdadeira promoção humana não pode reduzir-se a aspectos particulares: “deve ser integral, isto é, promover todos os homens e o homem todo”,¹⁴ a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que “a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento”.¹⁵ Para a Igreja, o serviço

¹² S. Gregório Magno, Past. 3, 21

¹³ Catecismo da Igreja Católica, n. 2447.

¹⁴ GS 76.

¹⁵ DA, p.15.

da caridade, assim como o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos é manifestação irrenunciável da essência da Igreja.¹⁶

Esta opção se fundamenta no mais puro cerne evangélico. Não se trata de um modismo, mas de se recuperar a própria força da Boa Nova que deve ser anunciada especialmente aos pobres: “O espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres...” (Lc 4,18). Com esta afirmação, Jesus, recuperando um texto do profeta Isaías, na sinagoga de Nazaré, lança um dos pilares de sua pregação e de sua Igreja. Aqui se confirma o olhar carinhoso de Deus para com os pobres e o lançamento do seu mais autêntico projeto eclesial.

As comunidades que ignoram os pobres se colocam à margem da Igreja de Cristo, perdem a comunhão eclesial e a chave para entrar no Reino: “... todas as vezes que deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.” (Mt 25,46). O amor da Igreja para com os pobres atualiza de forma permanente o amor carinhoso de Deus, inspira-se no Evangelho das bem-aventuranças, na pobreza de Jesus e em sua atenção aos pobres.

Considerações finais

A atividade pastoral tem um estatuto dado pelo Mestre; não pode seguir o caminho de acordo com a vontade de cada pastor. Precisa continuar a missão do mestre. E por isso, existem alguns aspectos que não podem ser ignorados. Dentre eles, destacamos o *caminho da esperança*. O Bom Pastor veio para trazer a Boa Nova, e esta tem como conteúdo a esperança evangélica. O *reconhecimento da dignidade humana* é um dos fundamentos da ação eclesial, ao lado da *valorização da igualdade e diversidade* de todo ser humano. O *olhar carinhoso de Deus para com os necessitados* fortalece a alegria de lutar pelo bem comum, de transformar o cansaço letárgico da pastoral de manutenção em trabalho criativo, fonte de alegria e realização.

¹⁶ DA, 399.

Todo pastor deve ter consciência de que sua missão é transformadora, deve ajudar as pessoas a encarnarem a Palavra de Deus como força de renovação. A pastoral para ser fiel ao seu projeto original não pode ignorar o paradigma eclesial vivido pelo Mestre, revelado no sermão das bem-aventuranças.

A relação fé e vida restabelecem um dos eixos da preocupação do Pastor. Nesse sentido, o reconhecimento da dignidade humana e o amor pelos pobres são conteúdos da ética pastoral, exemplificada pelo Bom Pastor. Deus não precisa de pastoral. Essa prática vem fortalecer o processo de transformação de toda a igreja em vista da alegria evangélica e da construção do bem comum.

Referências bibliográficas

- AGOSTINI, Nilo. *Introdução à Teologia Moral*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BENTO, Luis Antonio. *Bioética, desafios éticos no debate contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 20108;
- CASTILLO, José Maria. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.
- CELAM, *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2017.
- CNBB, *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.
- DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – Conselho Episcopal Latino-Americano (Decos-Celam). *Para uma teologia da comunicação na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DIRETRIZES GERAIS dA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL, 2011-2015. CNBB, n. 94.
- KONZEN, João A. *Ética teológica fundamental*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PESSINI, Léo. *Bioética um grito por dignidade de viver*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2013.
- SOUZA, José Neivaldo. *Imagem humana à semelhança de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.